


# **UMA HISTÓRIA TRANSNACIONAL DOS ESTUDOS AFRICANOS: O CASO DO CENTRE OF WEST AFRICAN STUDIES E A HISTORIOGRAFIA SERRA-LEONESA (1963-1979)**

A Transnational History of African Studies: The Centre of West African Studies and the Sierra Leonean Historiography (1963-1979)

Evander Ruthieri da Silva<sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-5988-3739>

E-mail: [evander.silva@unila.edu.br](mailto:evander.silva@unila.edu.br)

<sup>a</sup> Universidade Federal da Integração Latino-Americana,  
Instituto Latino-Americano de Artes, Cultura e História, Departamento de História,  
Foz do Iguaçu, PR, Brasil

## RESUMO

Após 1945, os estudos africanos se consolidaram e se expandiram em nível transnacional, impulsionados pelas descolonizações e lutas de libertação na África. Esse período foi marcado por novas configurações geopolíticas, um redelineamento das relações entre as nações africanas e suas antigas metrópoles, inclusive no campo acadêmico, e pela expansão dos “estudos de área”, culminando na criação de diversos centros de estudos africanos. Este artigo analisa a formação do Center of West African Studies, na University of Birmingham (Inglaterra), com ênfase em suas interlocuções com a historiografia de Serra Leoa. A problematização incide sobre as dissertações e teses produzidas no âmbito do centro entre 1963 e 1979, nas quais é possível vislumbrar novos projetos intelectuais voltados à africanização da escrita da história serra-leonesa, pela recuperação de agenciamentos, iniciativas e resistências africanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da África. Estudos Africanos. Serra Leoa. Center of West African Studies.

## ABSTRACT

After 1945, African studies became consolidated and expanded on a transnational level, driven by decolonization and liberation struggles in Africa. This period was marked by new geopolitical configurations, a realignment of relationships between African nations and their former metropolises, including in the academic field, and the expansion of "area studies," culminating in the creation of various centers for African studies. This article analyzes the formation of the Center of West African Studies at the University of Birmingham (England), with an emphasis on its interactions with the historiography of Sierra Leone. The analysis focuses on the dissertations and theses produced within the center between 1963 and 1979, in which it is possible to discern new intellectual projects aimed at Africanizing the writing of Sierra Leonean history, through the recovery of African agencies, initiatives, and resistances.

**KEYWORDS:** African History. African Studies. Sierra Leone. Center of West African Studies.



O período posterior ao fim da Segunda Guerra Mundial foi marcado por uma ampliação e consolidação dos estudos africanos, principalmente em um contexto político fortalecido pelas descolonizações e lutas de libertação no continente africano, bem como um redelineamento nas relações entre as nações africanas e as antigas metrópoles. Centros de estudos africanos proliferaram não apenas na África, mas também na Europa e nos Estados Unidos, baseados em abordagens interdisciplinares dos “estudos de área” e na “Nova História Africana” (Brizuela-Garcia, 2004), que se desenvolveu com as descolonizações e a expansão das universidades africanas. A formação desses centros de pesquisas contribuía para a definição do próprio campo dos estudos africanos, compreendendo-o como “um microcosmo, isto é, um pequeno mundo social relativamente autônomo no interior do grande mundo social”, no qual se vislumbram “propriedades, relações, ações e processos que se encontram no mundo global, mas esses processos, esses fenômenos, se revestem aí de uma forma particular” (Bourdieu, 2011, p. 195).

Um exemplo significativo desses centros de pesquisa é o Centre of West African Studies (CWAS), fundado em 1963 na University of Birmingham, Reino Unido. Sob a liderança do historiador John Fage, o CWAS tinha um perfil interdisciplinar, envolvendo pesquisadores de História e Ciências Sociais focados nos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais da África Ocidental. A documentação do CWAS, preservada na Cadbury Research Library, como ofícios e relatórios anuais das décadas de 1960 e 1970, oferece evidências empíricas sobre a institucionalização dos estudos africanos e a autorrepresentação dos sujeitos históricos envolvidos. As dissertações e teses produzidas no CWAS, agora parte do acervo do Department of African Studies and Anthropology (DASA) da University of Birmingham, destacam os interesses teórico-metodológicos e os temas de pesquisa de muitos africanistas associados ao centro ou que iniciavam suas carreiras acadêmicas sob a orientação dos pesquisadores do CWAS.

O artigo foca na produção de dissertações e teses de doutorado no CWAS entre 1963 e 1979, com ênfase nas pesquisas históricas sobre Serra Leoa. Esse período coincidiu com a consolidação de novas perspectivas na historiografia de Serra Leoa, alinhadas às mudanças políticas pós-independência. Na primeira parte, o artigo discute a formação do CWAS sob a ótica de uma história global do conhecimento, contextualizando-o no cenário global de redefinição dos estudos africanos. Em seguida, considerando-se as conexões transnacionais no âmbito dos estudos africanos, analisa a interação do CWAS com a historiografia serra-leonesa, explorando as teses e

dissertações para delinear projetos historiográficos emergentes entre as décadas de 1960 e 1970. A partir desses documentos, o artigo ainda aponta a uma questão fundamental na construção do campo: a circulação e mobilidade de estudantes e pesquisadores entre a Europa e a África Ocidental.

## **A formação do Centre of West African Studies**

Desde o século XVIII, europeus demonstraram um crescente interesse pelo continente africano, o qual foi impulsionado por missionários, caçadores, exploradores e administradores coloniais, influenciados principalmente, a partir do século XIX, pelo racismo científico e pelo darwinismo social. Esses primeiros trabalhos histórico-geográficos estavam ligados aos projetos coloniais, interpretando os passados africanos com foco na presença europeia e invasões coloniais como forças motrizes da história africana (Msindo, 2023). A visão predominante era de que as sociedades africanas não haviam atingido os níveis de “civilização” e “progresso” europeus. Assim, as narrativas do final do século XIX e início do XX destacavam a presença europeia na África, enfocando uma história econômica a partir do domínio colonial. Esse corpo de textos foi denominado de historiografia “colonial” ou “imperial”, e estava centrado nas atividades europeias na África no contexto da expansão imperialista (Brizuela-Garcia, 2004).

No Reino Unido, o estudo sistemático da África começou a se consolidar nas primeiras décadas do século XX com a fundação da School of Oriental and African Studies (SOAS) em 1916. O objetivo da SOAS era fortalecer o domínio econômico e político da Grã-Bretanha na África e na Ásia, formando administradores coloniais, comerciantes, missionários, pessoal médico, professores e oficiais militares (MSINDO, 2023). A SOAS equipava esses profissionais com conhecimentos sobre costumes, religião, língua, leis e histórias africanas, servindo aos interesses coloniais britânicos. Outras instituições como a Royal African Society, fundada em 1901, que publicava a revista *African Affairs*, e o International African Institute, criado em 1926 para promover a cooperação entre governo britânico, administradores coloniais e missionários (Ferreira, 2010), também desempenharam papéis importantes. Universidades britânicas como Cambridge e Oxford já possuíam pesquisadores focados em assuntos coloniais, como Eric A. Walker, que foi professor de História Imperial e Marítima em Cambridge entre 1936 e 1951 (Brizuela-Garcia, 2004).

Um dos precursores imediatos da institucionalização dos estudos africanos na Inglaterra foi o *African Survey* produzido por um comitê presidido pelo britânico Lord

Hailey na metade da década de 1930, e que consistia em um relatório de abrangência continental sobre questões administrativas, sociais, educacionais e jurídicas nas colônias africanas (Msindo, 2023). Na perspectiva do relatório, a publicação de investigações sobre o continente africano tinha um dever com os projetos coloniais, visando promover o interesse público pelo Império Britânico, o que demandava, também, a criação de fundos especiais de pesquisa sobre as sociedades e culturas africanas. Desse modo, “o rápido crescimento dos Estudos Africanos na Academia depois de 1945 reflete, portanto, a implementação de parte das recomendações de Hailey, assim como as circunstâncias políticas e econômicas em transformação que marcaram o Ocidente após a Segunda Guerra Mundial” (Msindo, 2023, p. 221).

O período posterior à Segunda Guerra Mundial, especialmente entre as décadas de 1940 e 1960, marcou significativas transformações no campo dos estudos africanos, contribuindo para sua institucionalização em diversas partes do mundo. Como parte desse processo, pode-se mencionar a criação de diversos centros de pesquisa e departamentos voltados aos estudos africanos; a proliferação de revistas acadêmicas especializadas na temática, tais como o *The Journal of African History*, criado em 1960; a criação de projetos editoriais voltados à difusão de produção historiográfica a respeito do continente africano (exemplificado pela *História Geral da África*, organizada pela UNESCO, e que reuniu dezenas de historiadores africanos e africanistas); a criação de universidades africanas e, conseqüentemente, de departamentos de História ou áreas similares com conteúdos pertinentes à história africana; bem como a formação de associações e redes transnacionais de pesquisadores no campo dos estudos africanos e, de forma mais específica, da História da África, tais como a *African Studies Association of the United Kingdom*, estabelecida em 1963, e a *Association of African Historians*, criada em Dakar em 1972.

Convém também recordar as contribuições fundamentais de historiadores africanos cujas trajetórias, formações acadêmicas e atuações profissionais se consolidaram entre as décadas de 1950 e 1970 - entre eles, o historiador nigeriano Kenneth Onwuka Dike, o burquinabê Joseph Ki-Zerbo e o senegalês Cheikh Anta Diop,. Em diferentes contextos, esses intelectuais buscaram inserir as experiências africanas em redes globais de política e comércio (Brito, 2025), buscaram construir interpretações continentais da África e de sua relação com a história mundial, ao mesmo tempo em que reivindicaram interpretações afrocentradas do passado do continente, com o propósito de superar as visões eurocêntricas sobre a história — e sobre as formas de escrita da História — das



sociedades africanas. Por extensão é necessário situar essa geração de historiadores em uma rede intelectual e política mais ampla, constituída pelas conexões pan-africanistas, que exerceram papel decisivo na formulação de projetos historiográficos e intelectuais (Barbosa, 2020).

Esses intelectuais africanos estiveram diretamente relacionados com a criação de departamentos de História e a constituição de arquivos e projetos editoriais. Pelo menos desde a década de 1940, com o estabelecimento do Second Colonial Development and Welfare Fund (1945) e a formação das comissões Asquith e Elliot em 1943, com o fito de investigar as condições do ensino superior na África Ocidental, ocorre uma proliferação de novas universidades africanas em regiões de colonização britânica e que, ainda que vinculadas aos currículos estabelecidos pela malha universitária britânica, foram cruciais no desenvolvimento do campo dos estudos africanos e da História da África, a exemplo da University of Khartoum (1946), da University College da Costa do Ouro (1948), do Makere College em Uganda (1949) e da University of Ibadan na Nigéria (1948). A criação de universidades no continente foi um primeiro e importante passo em direção da consolidação do campo da História da África, reverberando, também, na situação dos estudos africanos na Inglaterra, sobretudo pelos intercâmbios de professores e pesquisadores (Brizuela-Garcia, 2004, p. 40-41).

No que se refere ao caso britânico, o fomento à criação de centros de pesquisa em estudos africanos pode ser observado, em nível oficial, nos relatórios produzidos pela Interdepartmental Commission of Enquiry into the Facilities for Oriental, Slavonic, East European and African Studies, também conhecida como comissão Scarborough, em 1946, a qual recomendava uma expansão no fomento financeiro aos estudos afro-asiáticos para centros já estabelecidos, a exemplo da SOAS. O fomento a bolsas de estudo voltadas à formação de profissionais no campo dos estudos afro-asiáticos e eurasiáticos estava alinhavado às novas perspectivas políticas no pós-guerra, pela necessidade de manter ou estabelecer relações econômicas e políticas com o mundo não-europeu. Na perspectiva dos membros da comissão Scarborough, o contexto pós-1945 demandava a consolidação de novos vínculos políticos, econômicos e militares com os territórios coloniais, o que suscitava amplo conhecimento da situação econômica e cultural dos continentes africano e asiático. Dentre as instituições universitárias que foram mais diretamente impactadas pelo relatório Scarborough, convém frisar o papel da SOAS, pois, as recomendações do relatório possibilitaram a criação de novos departamentos acadêmicos, incluindo o departamento de História, por meio de bolsas de fomento à

pesquisa e financiamento para contratação de novos professores e pesquisadores (Brizuela-Garcia, 2004, p. 43-44).

Vale destacar que o interesse pela criação de centros de estudo e pesquisa acadêmica sobre o continente africano não era uma exclusividade das universidades britânicas do período: diversas universidades estadunidenses implementaram departamentos, disciplinas ou centros de pesquisa voltados aos estudos africanos ou afro-americanos, a exemplo da Northwestern University ou na University of Wisconsin (Ferreira, 2010), ou nas universidades historicamente negras, tal como o Howard University. Além disso, diversas universidades em países comunistas, como a Polônia, a Alemanha Oriental ou a União Soviética, também implementaram centros de estudos africanos, sobretudo no contexto das descolonizações, marcado por uma aproximação política, militar e diplomática de diversas nações africanas com os países do bloco comunista (Kowalski, 1967; Desai, 1968). Em outras regiões do Sul Global, a exemplo do Brasil, centros voltados aos estudos africanos foram criados entre as décadas de 1950 e 1960, tal qual o Centro de Estudos Afro-Orientais, vinculado à Universidade Federal da Bahia, e o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, situado na Universidade Cândido Mendes (Schlickmann, 2016). Desse modo, torna-se pertinente pensar nos processos de formação ou redefinição do campo dos estudos africanos, e de forma mais específica, em termos de uma história global dos estudos africanos, afinal de contas, dizem respeito a “novos padrões de interconexão” (Barros, 2024, p. 23) em contextos globais, marcados pela ativa circulação de pessoas e ideias em redes transnacionais relacionadas à produção de conhecimento sobre as Áfricas e suas diásporas.

A criação de centros de estudos afro-asiáticos na Europa e nos Estados Unidos estava também relacionada à proliferação dos chamados “estudos de área” (Area Studies) no contexto pós-1945. Amparados na interdisciplinaridade, os estudos de área surgiram nos contextos políticos marcados pela ascensão dos Estados Unidos como potência global, bem como pela complexidade das relações internacionais no período pós-guerra. Do ponto de vista das potências ocidentais, e principalmente das antigas nações coloniais, os novos contextos geopolíticos criavam a necessidade de compreender melhor as culturas, políticas, sociedades e economias da África, Ásia e América Latina com o objetivo de promover relações estratégicas, diplomáticas e políticas e ampliar suas esferas de influência nas relações internacionais. Conforme Szanton, os estudos de área visavam “documentar a existência, lógica interna e implicações teóricas



dos diferentes valores culturais e sociais, expressões, estruturas e dinâmicas que formam as sociedades e nações além da Europa e dos Estados Unidos” (2004, p. 2).

A consolidação de centros de estudos africanos foi impulsionada pela expansão dos estudos de área, que valorizou novos currículos incorporando disciplinas tradicionais, como antropologia, e a investigação de problemas sociais africanos contemporâneos, história e línguas africanas. Robinson (2004) identifica essa ampliação dos estudos africanos na interseção de três esferas: as universidades do Norte global, com seus mecanismos internos e externos para fomentar centros de estudos africanos; as diásporas e mobilidades acadêmicas pan-africanas, destacando a circulação de pesquisadores, estudantes e professores africanos entre universidades do Norte e Sul global; e as universidades africanas, com redes de pesquisadores redefinidas pelos processos de descolonização e independência na década de 1960. No Reino Unido, essa interseção de forças pode ser exemplificada pelo Centre of West African Studies (CWAS), fundado na University of Birmingham no início dos anos 1960.

Em 1961, o relatório do Sub-Committee on Oriental, Slavonic, East European and African Studies da University Grants Committee, presidido pelo diplomata William Hayter, expressou frustração com o estado dos estudos afro-asiáticos na Inglaterra, especialmente após os resultados limitados pós-Scarborough. O relatório sugeriu, para os períodos de 1962-1967 e 1967-1972, a criação de aproximadamente 125 novas vagas para pesquisadores e professores dedicados ao estudo do mundo “não-ocidental”. Além disso, recomendava o fomento a pelo menos dez bolsas de estudo para pós-graduandos por ano, e apoio financeiro para a criação de centros de pesquisa e ensino em estudos afro-asiáticos e eslavos, incluindo fundos para viagens de pesquisa e bibliotecas especializadas. O objetivo era renovar os estudos afro-asiáticos, deslocando o foco das línguas e literaturas para disciplinas como História, Geografia, Ciências Econômicas, Ciências Jurídicas, e Antropologia (Report..., 1961). Esse relatório impulsionou uma expansão significativa dos estudos afro-asiáticos na Inglaterra, refletindo a conjuntura geopolítica da época, marcada pela atenção aos países do Sul Global, especialmente durante os processos de descolonização e lutas de libertação. Conforme Gabriel Paquette (2019), a rejeição da entrada da Inglaterra na Comunidade Econômica Europeia (em 1963 e 1967) também contribuiu para redirecionar os interesses econômicos e diplomáticos britânicos para a África, Ásia e América Latina.

Uma das universidades beneficiadas com os fundos de pesquisa e ensino propostos pelo subcomitê Hayter foi a University of Birmingham, que submeteu uma



proposta de estabelecimento para centro de estudos africanos em março de 1962. Coube ao historiador John Donnelly Fage, que até o início da década de 1960 ocupava o cargo de *lecturer* em História Africana na University of London, a convite feito pelo professor Roy Pascal, a função de dirigir o Centre of West African Studies (CWAS) da University of Birmingham a partir do processo de seu estabelecimento. Dentre os primeiros pesquisadores contratados para atuar no CWAS, destacavam-se o antropólogo Robert Bradbury, o sociólogo Peter Lloyd, e o cientista político Ken Post, além dos historiadores econômicos Antony Hopkins e Douglas Rimmer. No final da década de 1960, com a saída de Lloyd e Post, e o falecimento de Bradbury em 1969, a antropóloga Elizabeth Tonkin, a socióloga Margaret Peil e o cientista político Arnold Hughes ingressaram no centro. Além disso, dois geógrafos especializados em África Ocidental integraram o CWAS: Peter Mitchell e John Ralph Williams, posteriormente substituído pelo historiador brasileiro Paulo de Moraes Farias como especialista em história islâmica. No quinquênio 1967-1972, o CWAS ainda abriu uma vaga para *lecturer* em arqueologia africana, posição ocupada por Colin Flight (Fage, 2002, p. 139-140).

Os ofícios e relatórios anuais produzidos pelo CWAS fornecem um detalhamento maior das dinâmicas internas do CWAS no período em questão, pois incluem listas de publicações; projetos de pesquisas em desenvolvimento; atividades realizadas no centro, a exemplo dos The West Africa Seminars; dissertações e tese em desenvolvimento no CWAS; disciplinas em cursos de graduação ministradas pelos professores e pesquisadores vinculados ao CWAS; e demais notícias referentes à equipe interdisciplinar que constituía o centro. Esses relatórios, produzidos com o objetivo de publicizar as atividades realizadas pelos pesquisadores e estudantes de pós-graduação vinculados ao CWAS, também eram responsáveis pela produção de formas de autorrepresentação e de uma memória coletiva do processo de formação e consolidação dos estudos africanos na Inglaterra, frequentemente reiterando os diversos vínculos estabelecidos entre seus pesquisadores e as instituições africanas como parte de seu capital simbólico e cultural.

Afinal de contas, conforme os relatos de John Fage (2002), diversos desses pesquisadores possuíam experiências prévias com pesquisa em campo na África Ocidental, e vínculos profissionais com universidades africanas, especialmente em Gana e Nigéria. Bradbury, Lloyd e Post haviam atuado na University of Ibadan; Hopkins realizou pesquisa de campo para sua tese de doutoramento em Lagos; Tonkin e Moraes Farias possuíam experiências profissionais na Ahmadu Bello University, na Nigéria, e especificamente no caso de Moraes Farias também no Institut Fondamental d'Afrique

Noire (IFAN) da Université de Dakar (Senegal); Rimmer e Flight haviam experiência de pesquisa em Legon (Gana); e Mitchell teve passagem pelo Fourah Bay College (Serra Leoa). Notavelmente, o diretor do CWAS, John Fage ocupou cargos na University College of the Gold Coast, em Accra, entre 1949 e 1959, tornando-se, após a independência de Gana, Deputy Principal da mesma instituição, e contribuiu para o estabelecimento do Institute of African Studies em Legon (Fage, 2002).

Esse mapeamento de trajetórias evidencia não apenas o aspecto interdisciplinar dos estudos africanos, tal qual estabelecido no CWAS, como também o caráter transnacional do centro, especialmente por sua constante integração a universidades africanas e as frequentes viagens de campo para pesquisadores do CWAS. Futuras investigações, concentradas nos projetos financeiros e relatórios dessas viagens de pesquisa de campo, apresentados com certa regularidade pelos membros do CWAS, podem fornecer novas reflexões acerca do papel das viagens acadêmicas nos processos de consolidação e expansão dos estudos africanos por meio da construção de redes transnacionais de pesquisadores africanistas.

Por extensão, o perfil acadêmico dos pesquisadores e pesquisadoras supramencionadas evidencia uma guinada significativa nos estudos africanos no contexto pós-Segunda Guerra, a saber, uma aproximação com o campo das Ciências Sociais, sobretudo com o desenvolvimento de técnicas quantitativas e qualitativas mais avançadas, além do uso crescente de métodos interdisciplinares e abordagens mistas. Convém atentar-se, de forma mais específica, ao papel do estudo da História da África nos projetos intelectuais fomentados pelo CWAS e por outros centros de estudos africanos em atuação entre as décadas de 1960 e 1970. A construção desse projeto, voltado à descolonização dos estudos sobre os passados africanos, estava em sintonia com movimentos intelectuais que ganhavam força nas universidades africanas no contexto das independências a partir dos anos sessenta. Contrapondo-se à historiografia colonial/colonialista, que negava os passados africanos e observava a História da África como uma mera extensão da história ultramarina europeia, historiadores como Kenneth Onwuka Dike, Joseph Ki-Zerbo, Cheikh Anta Diop, Theophile Obenga, Djibril Tamsir Niane e J. F. Ade Ajayi, entre outros, inverteram o pêndulo, visando a reivindicação das histórias e memórias africanas e sua contribuição na construção de uma história global, concentrando-se “nas mudanças sociais, [...] na resistência ao colonialismo e no conceito de iniciativa local” (Lopes, 1995, p. 26).

Como mencionado anteriormente, esses historiadores também estiveram envolvidos diretamente com os processos de institucionalização do campo da História no continente africano, por meio da criação de departamentos de História, pelo estabelecimento de arquivos históricos e associações de historiadores, ou por seu envolvimento em projetos editoriais, a exemplo do História Geral da África. Na perspectiva de Brizuela-Garcia (2004), essa geração produziu uma “Nova História Africana”, marcada por um ecletismo teórico-metodológico voltado à valorização dos passados africanos e por uma sintonia complexa com os nacionalismos africanos, sobretudo pela valorização das identidades culturais e agências africanas. A ampla circulação de pesquisadores entre universidades africanas e europeias no período possibilita pensar no modo como novas perspectivas teórico-metodológicas voltadas à (re)escrita da história da África circulavam e eram discutidas: no caso do CWAS, convém frisar a realização de diversos seminários voltados aos estudos sobre África Ocidental, com a participação de pesquisadores e historiadores africanos, principalmente oriundos de universidades na África Ocidental e envolvidos na escrita da “Nova História Africana”, a exemplo do historiador ganense Albert Adu Boahen, que participou do The West African Seminar no ano acadêmico 1965-1966 (CWAS, 1966).

Os projetos intelectuais de descolonização da escrita da História da África podem ser vislumbrados na documentação produzida no âmbito do CWAS ao longo da década de 1960. O primeiro deles diz respeito à palestra inaugural proferida por John Fage na University of Birmingham em 1965, intitulada “On the nature of African History”. Contextualizando sua conferência com o estabelecimento do CWAS dois anos antes, Fage tematiza a entrada, no campo acadêmico e intelectual britânico, de uma nova geração de historiadores em formação pós-Segunda Guerra Mundial, envolvidos simultaneamente com a criação de centros de estudos africanos na Inglaterra e, por outro lado, com a fundação de novas universidades africanas vinculadas à University of London. Na perspectiva de Fage, era imperioso superar a visão de muitos de seus colegas nas universidades europeias de que a África era repleta de “tribos bárbaras”, ausentes de progresso exceto em contato com a colonização europeia, e, portanto, de maior interesse ao estudo etnográfico – e não à pesquisa histórica. A superação dessa visão sobre os passados africanos exigiria, do ponto de vista de Fage, uma abordagem interdisciplinar capaz de recuperar os diferentes suportes documentais necessários à investigação crítica da história africana, tais como as fontes escritas, os vestígios arqueológicos e as tradições orais (Fage, 1965, p. 4).



Documentos como esse fornecem evidências das formas de autorrepresentação produzidas por intelectuais como John Fage, envolvidos diretamente com a consolidação de uma nova geração dos estudos africanos na década de 1960. Além disso, demonstram os processos de formação de uma memória disciplinar do campo – ao definir-se na contraposição de uma geração anterior, mais apropriadamente associada às perspectivas da historiografia colonial. Outros documentos produzidos no âmbito do CWAS, e que possibilitam vislumbrar seu projeto intelectual voltado à produção de uma reescrita da história africana podem ser observado nos relatórios anuais do centro. Esses relatórios evidenciam um interesse acentuado pela investigação de contextos e agências africanas em períodos categorizados como pré-coloniais, a partir de novas ferramentas conceituais e teórico-metodológicas de caráter interdisciplinar, e com um diálogo acentuado com as Ciências Sociais, como a Antropologia e a Sociologia.

Observe-se, a título de exemplo, o relatório referente ao ano acadêmico 1965-1966, no qual há uma sumarização, entre outros elementos, das atividades de pesquisa em realização naquele momento: Robert Bradbury, em colaboração com pesquisadores da University of Ibadan e da University of Illinois, continuava a trabalhar em estudo monográfico sobre a história, arte e cultura religiosa em Benim; John Fage finalizara seu trabalho na produção de notas para a obra *A new description of Benin* (1705), de William Bosman, e deu início ao seu trabalho em uma obra sobre a história de Gana e nas revisões do seu *Introduction to the History of West Africa* (originalmente publicado em 1955); Anthony Hopkins deu continuidade aos seus estudos sobre agricultura na Nigéria e o papel dos comerciantes em Lagos no período entre 1850 e 1930; Peter Lloyd estava em vias de escrever uma obra para a coleção Africa Library da editora Penguin, intitulada *Societies in Transition*, finalizara sua análise nos dados referentes ao divórcio em quatro cidades iorubás, e editou a obra *The City of Ibadan* com dois pesquisadores da University of Ibadan, A. L. Mabozunke e B. Awe, além de ter realizado pesquisa de campo em Ibadan e Lagos para estudos sobre reinos iorubás do século XVIII e XIX; Kevin Post visitou a Nigéria entre março e abril de 1966 para reunir dados de pesquisa, voltada à produção de uma biografia do político nigeriano Gbadamosi Adehoke Adelabu; Douglas Rimmer continuava seus estudos sobre história econômica em perspectiva comparativa a partir de cidades costeiras na África Ocidental, tendo realizado viagem de pesquisa, em julho de 1966, a Dakar, Freetown, Monrovia e Accra; e John Ralph Willis continuava pesquisa sobre os movimentos jihadistas no Sudão Ocidental no século XIX, incluindo viagens de pesquisa ao Senegal e Mali (CWAS, 1966, p. 4-5).

Além disso, convém frisar uma circulação de pesquisadores e professores visitantes no CWAS entre as décadas de 1960 e 1970, muitos dos quais oriundos de universidades e instituições africanas: novamente, a título de exemplo, o relatório anual referente ao ano de 1965-1966 menciona os seguintes visitantes: S. O. Biobaku (University of Lagos); J. K. Eastham (Ahmadou Bello University); John Povey (University of Ibadan); Professor James S. Coleman (Makerere College); D. F. Butler (University of Ife); G. R. H. Glover (University of Ghana); Yusuf Fadl Hassan (University of Khartoum); Jean-Claude Gautron (University of Dakar); Ivor Wilks (University of Ghana); John Akar (Sierra Leone Broadcasting Corporation) (CWAS, 1966, p. 7). Estas visitas acadêmicas possibilitam visualizar as diferentes conexões estabelecidas e mantidas pelo CWAS com as universidades africanas, sobretudo na África Ocidental, evidenciando certa reciprocidade na mobilidade de seus pesquisadores e professores. Por extensão, diversos pesquisadores africanos participaram, de forma recorrente, dos West African Seminars, realizados anualmente, e que demonstram um aspecto inerente ao processo de constituição dos estudos africanos, a saber, a viagem para fins acadêmicos, as mobilidades de pesquisadores/professores, em meio a relações transnacionais estabelecidas no âmago dos estudos africanos.

## **Um diálogo com a historiografia Serra Leonesa**

Uma análise das dissertações de mestrado (M.A.) e das teses de doutoramento (Ph.D.) apresentadas ao Centre of West African Studies durante a década de 1970 evidencia uma ampla atenção a estudos históricos, especialmente baseados em perspectivas da história social, econômica e política, sobre Serra Leoa<sup>1</sup>. Os limites da atual Serra Leoa foram constituídos durante a expansão colonial britânica no século XIX. A Colônia de Serra Leoa foi estabelecida em 1808, com o objetivo de receber africanos libertos após a abolição da escravidão e, a partir de 1896, um Protetorado foi estabelecido, sendo então conhecido como Colônia e Protetorado da Serra Leoa. Os processos de descolonização começaram na década de 1950, quando o território recebeu poderes ministeriais locais e Milton Margai, líder do Sierra Leone People's Party (SLPP), foi eleito ministro-chefe. Mudanças constitucionais possibilitaram a formação de um

---

<sup>1</sup>Convém frisar que os dados referentes às dissertações e teses foram coletados no acervo do DASA (University of Birmingham), entre junho e julho de 2024. Em termos quantitativos, denotou-se uma expressividade de teses e dissertações que explicitamente dedicam-se ao estudo sociológico, antropológico ou histórico de Gana/Costa do Ouro (8 teses e 14 dissertações), Nigéria (7 teses e 51 dissertações) e Serra Leoa (6 teses e 12 dissertações). Em futuros estudos, torna-se pertinente analisar as perspectivas dessas pesquisas sobre outras partes do continente africano.



sistema parlamentar integrado à Commonwealth of Nations. Nas eleições parlamentares de 1957, a SLPP ganhou a maioria dos cargos, e Margai foi reeleito. Após negociações, Serra Leoa tornou-se independente em abril de 1961, permanecendo como parte da Commonwealth (Harris, 2014).

Com a morte de Margai em 1964, seu meio-irmão, Albert Margai, assumiu o cargo de primeiro-ministro, promovendo medidas autoritárias e perseguindo a oposição ao tentar instaurar um governo monopartidário. Os eventos geraram protestos em Freetown, os quais levaram o governo a declarar estado de emergência. Nas eleições de março de 1967, Siaka Stevens, do All People's Congress (APC), foi eleito primeiro-ministro, mas um golpe militar, liderado pelo general David Lansana, aliado de Margai, derrubou o governo de Stevens. Poucos dias depois, militares realizaram um contra-golpe, suspendendo a constituição. Em abril de 1968, soldados do Anti-Corruption Revolutionary Movement (ACRM) restabeleceram a constituição e garantiram a posse de Siaka Stevens. Entre 1968 e 1970, o país enfrentou crise econômica, centralização política e tensões internas, especialmente entre o governo e as forças armadas (Gberie, 2005; Harris, 2014).

O momento imediatamente posterior à independência de Serra Leoa foi marcado por alguns investimentos na historiografia serra-leonesa em âmbito transnacional. Em primeiro lugar, convém destacar o papel do Fourah Bay College, formalmente agregado à Universidade de Durham, na Inglaterra, até 1967. Conforme Brizuela-Garcia (2004), o Fourah Bay College, um dos primeiros centros universitários estabelecidos na África Ocidental, foi fundado a partir dos esforços de Edward Wilmot Blyden – considerado um dos precursores do pensamento pan-africano – e com o apoio de grupos missionários. Nesse período (décadas de 1960-1970), parte significativa da historiografia sobre Serra Leoa focava em dois aspectos principais: 1) a produção de histórias nacionais capazes de mapear o processo de formação de Serra Leoa e sua trajetória rumo à descolonização; 2) a investigação de movimentos sociais e, sobretudo, de movimentos políticos durante o período colonial e no contexto das independências, considerando-se que aquele período foi marcado por disputas de poder entre partidos políticos rivais e pela recorrência de golpes e contra-golpes (Ojukutu-Macauley, 2013, p. 39).

A formação de historiadores serra-leoneses no período também levou ao estabelecimento do *Journal of the Sierra Leone Historical Society*, especialmente após a criação do departamento de História em Fourah Bay College na década de 1970. No que se refere à produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado no Centre of West African Studies da University of Birmingham entre as décadas de 1960 e 1970,



convém, de início, destacar um constante intercâmbio intelectual e circulação de pesquisadores com Fourah Bay College: alguns, como Martin Kaniki e Franklyn Lisk, realizaram pesquisas na biblioteca de Fourah Bay College, ou, como no caso de Adam Jones e M. J. M Sibanda, no Institute of African Studies criado em 1966; outros, como o serra-leonês Arthur Abraham, que fez seus estudos iniciais em Fourah Bay College, deslocou-se a Birmingham para fazer doutorado e, mais tarde, participou ativamente da institucionalização dos estudos históricos em Serra Leoa.

O mapeamento de teses e dissertações produzidos no CWAS, bem como a circulação de pesquisadores africanos que realizaram seus cursos de mestrado e doutorado junto ao centro, formam outro aspecto dessa circulação de novas perspectivas teórico-metodológicas acerca da escrita da história da África. Além disso, em alguns casos, são sintomáticos das diásporas estudantis africanas, categoria que se refere ao “deslocamento de estudantes de países africanos a diferentes destinos, que pode ser também encontrada na literatura como migração ou mobilidade estudantil” (Francisco, 2019, p. 16). O contexto constituído a partir do subcomitê Hayter, no início da década de 1960, contribuiu para a circulação de estudantes africanos na Inglaterra, especialmente pela concessão de bolsas de estudo: conforme o relatório anual do CWAS referente ao ano acadêmico de 1973-1974, a quantidade de pós-graduandos africanos (20) já superava o quantitativo de britânicos (15), norte-americanos (4) ou asiáticos (1). A se julgar pelas dissertações e teses produzidas entre as décadas de 1960 e 1970, o CWAS beneficiou-se dessas medidas de fomento à pesquisa, sendo destino de diversos estudantes africanos, principalmente de Nigéria, Gana e Serra Leoa.

Durante a década de 1960, algumas dissertações apresentadas ao Centre of West African Studies exploraram o contexto contemporâneo de Serra Leoa, principalmente nas áreas de história econômica e política, a exemplo de "The Development of an Open Economy: The Sierra Leonean Case", de Offion E. Essiem, apresentada em 1967 sob a supervisão de Douglas Rimmer. O estudo analisa a experiência econômica de Serra Leoa entre as décadas de 1940 e 1960, com foco no comércio exterior, mineração, agricultura e industrialização. Baseando-se em dados estatísticos, o estudo conclui que o desenvolvimento econômico depende da ampliação do potencial agrícola, em parte para exportação, e da industrialização para o mercado doméstico ou países vizinhos. O conceito de "dependência" utilizado deriva dos estudos desenvolvidos na década de 1960, sugerindo que a integração de países subdesenvolvidos no sistema mundial leva ao empobrecimento e subdesenvolvimento de seus sistemas econômicos. Essiem





argumenta que a economia de Serra Leoa sofreu com flutuações diretamente relacionadas ao ciclo econômico mundial, resultando em dificuldades recorrentes no balanço de pagamentos (Essiem, 1967).

Vale frisar que, no que se refere às dissertações de mestrado apresentadas ao Centre of West African Studies durante a década de 1970, observa-se um predomínio de estudos em história econômica, sobretudo em temas como comércio, agricultura e desenvolvimento econômico entre as décadas de 1940 e 1960<sup>2</sup>. O predomínio de pesquisas amparadas na história econômica evidencia um contexto marcado pela difusão de novas metodologias de pesquisa histórica, a exemplo de métodos quantitativos e fontes seriais, no diálogo interdisciplinar com as Ciências Econômicas, e também uma preocupação reiterada na interpretação das realidades econômicas na África Ocidental em um contexto marcado por processos de descolonização e modernização e, principalmente no início da década de 1970, agravamento de crises econômicas e recessão globais. Assim, em busca de chaves explicativas para a situação social e política em Serra Leoa após sua independência, muitos dos pesquisadores que produziram suas dissertações e teses no CWAS voltaram-se para o campo da história econômica.

No entanto, outra tendência observável nas dissertações produzidas no período diz respeito ao campo da história política, sobretudo no estudo de movimentos e partidos políticos. Em 1968, Roy May apresentou a dissertação "Sierra Leone as a Reconciliation System 1951-1968", analisando o sistema político de Serra Leoa e suas tentativas de estabelecer um "sistema reconciliatório". May destaca como um dos desenvolvimentos mais significativos na política de Serra Leoa a formação do Sierra Leone People Party em abril de 1951, resultado da integração de três grupos políticos: o Sierra Leone Organisation Society, representando as elites assimiladas no Protetorado; o Protectorate Educational Progressive Union, representando chefaturas tradicionais; e o Freetown People's Party, representando a população creola. A pesquisa de May buscava

---

<sup>2</sup>Tratam-se das seguintes dissertações de mestrado defendidas na década de 1970: 1) "An Examination of Some Aspects of Central Place and Transport Network Theories and Their Application to the Sierra Leone Case" (1971), de Wayne Walden; 2) "The Sierra Leone Produce Marketing Board, 1949-1969" (1972), de F. M. B. Sawi; 3) "Agricultural change in West Africa: A theoretical and empirical assessment of factors affecting change in the agricultural sectors of the economies of West Africa, with particular reference to Sierra Leone" (1973), de James Anthony Binns; 4) "Government Policy Towards Agriculture in Sierra Leone 1951-1967: A Survey and Critique" (1974), de Judith Maiden; 5) "Late Nineteenth Century Attitudes to Islam and the Foundation of Government Mohammedan Schools in Sierra Leone" (1972), de Celia Gibbs; 6) "The Colonial Office and the Northern Rivers of Sierra Leone 1876-1882: A Study in British Official Policy-Making" (1973), de David Bush; 7) "The Western Educated Elites in Sierra-Leone: Evolution and Character" (1973), de David Silke; 8) "A Preliminary investigation of Oral Traditions in the Galinhas Area of Sierra Leone" (1978), de Adam Jones.

desenvolver modelos que expandam e aprofundem o conhecimento sobre o sistema político, questionando se o caso de Serra Leoa pode ser compreendido como um "sistema reconciliatório". Esse conceito, inspirado nos estudos de C. G. Rosberg, envolve a aceitação de diferentes grupos políticos, difusão da autoridade e processos de tomada de decisão caracterizados por compromisso e adaptação às demandas dos grupos envolvidos.

Na análise de May, uma compreensão profunda do "sistema de reconciliação" envolve examinar os processos de formação e composição dos diferentes grupos que disputam o poder em Serra Leoa. Em sua dissertação, May discute as diferenças étnico-culturais, políticas militares adotadas na década de 1960, o papel das chefaturas tradicionais e suas relações com o sistema de "governo indireto" britânico, a influência das religiões, como o cristianismo e o islamismo, e o papel de outros grupos sociais, como lideranças sindicais, estudantis e mulheres. Nas conclusões de May, o período entre 1951 e 1964 foi marcado por algum grau de reconciliação, atribuído a três fatores: a natureza das lideranças políticas, as lentas taxas de crescimento econômico e mudanças sociais, e a perspectiva dos diferentes grupos políticos em relação à reconciliação. No entanto, May observa que os grupos que emergiram estavam relutantes em se reconciliar, especialmente aqueles que apoiavam o All People's Congress (APC) e sua liderança, que demonstraram falta de disposição para compromisso. Além disso, os esforços da Sierra Leone People's Party (SLPP), principalmente na segunda metade da década de 1960, para manter-se no poder levaram o governo a se tornar excessivamente confiante em sua capacidade de lidar com demandas, recorrendo à força para enfrentar instabilidades políticas.

Em outros casos, estudos deslocaram-se à investigação do processo de formação dos grupos de oposição em Serra Leoa, a exemplo da dissertação de Victor Minikin, "The development of Political Opposition in Sierra Leone" (1961-1967), também apresentado em 1968. Minikin, que atuou no Departamento de Ciências Políticas da University of Ibadan, enfatiza o crescimento de grupos de oposição no contexto pós-independência, com atenção especial às origens e estrutura interna do All People's Congress, que derrotou o SLPP nas eleições de 1967, além de outros partidos, tais como o Sierra Leone Progressive Independence Movement (SLPIM) e o United Progressive Party, em contraste às origens do SLPP e, de forma mais específica sua dependência em chefaturas tradicionais (MINIKIN, 1968, p. 4). O processo de formação do SLPP, nessa perspectiva, estaria alinhada ao contexto estabelecido pelas concessões constitucionais (MINIKIN, 1968, p.

10) da década de 1950, com o objetivo de contrapor-se à hegemonia creole – e não necessariamente à influência política britânica (MINIKIN, 1968, p. 10). A análise de Minikin atenta-se às forças das mudanças sociais e econômicas na década de 1960, e o que considera como uma incapacidade de adaptação da SLPP às novas condições pós-independência. Orientando-se a partir de uma análise em diálogo com a história política, a dissertação analisa os resultados das eleições locais e gerais de maio de 1967, demonstrando os condicionamentos sociais e econômicos das estruturas políticas. Utilizando-se como fontes históricas jornais (a exemplo do Freetown Daily Mail), documentos e relatórios governamentais, e manifestos ou panfletos políticos produzidos pelos grupos analisados, Minikin conclui que, em consequência dos processos de modernização e industrialização na Serra Leoa, “power slipped from their grasp in certain areas and so the SLPP, which still relied mainly on the backing of the chiefs, even in 1967, also lost its main support” (Minikin, 1968, p. 78).

A dissertação do historiador tanzaniano Martin Hoza Yohana Kaniki, apresentada em 1969 e intitulada “Traditional Authority and Early Colonial Policies in Sierra Leone, 1896-1905”, analisa a natureza das autoridades tradicionais em Serra Leoa e sua interação com a administração colonial britânica durante a virada do século XIX. Kaniki examina as diferentes formas de interação, colaboração e conflito entre as chefaturas tradicionais e os agentes coloniais, focando em quatro questões principais: a reação dos chefes tradicionais à presença das forças coloniais, a difusão das tradições políticas e culturais coloniais, os limites da autoridade colonial e a posição dos chefes tradicionais diante dos governos coloniais. Ao estudar o caso de Serra Leoa, Kaniki observa as diversas formas de resistência dos chefes tradicionais, desde protestos verbais até violência, bem como as oportunidades econômicas e sociais disponíveis para eles, mesmo após a perda de sua autonomia política. A partir de um leque diversificado de documentos históricos, como correspondências oficiais e relatórios, além de estudos antropológicos, Kaniki conclui que a posição privilegiada dos chefes tradicionais não foi concedida simplesmente por boa vontade dos invasores, mas sim foi conquistada por meio de seus esforços.

Na década de 1970, dissertações de mestrado em história social e política, especialmente relacionadas ao período colonial, foram representadas pelo trabalho de David Bush, “The Colonial Office and the Northern Rivers of Sierra Leone 1876-1882: A Study in British Official Policy-Making” (1973), e pelo estudo de Peter David Silke, “The Western Educated Elites in Sierra-Leone: Evolution and Character” (1973). Bush

investigou a política oficial britânica no Norte de Serra Leoa entre 1876 e 1882, enquanto Silke se concentrou na formação das elites educadas no Ocidente em Serra Leoa desde o século XVIII, destacando aspectos como recrutamento e estilo de vida por meio de estudos empíricos. Por um lado, estudos como o de Silke refletem uma tendência predominante na historiografia de Serra Leoa, que enfatiza a rápida aculturação dos africanos libertos, formando uma elite creole. Esse enfoque é influenciado pelo trabalho de Christopher Fyfe, especialmente em sua obra *History of Sierra Leone*, publicado em 1962, que estabeleceu uma perspectiva Krio-centrada na historiografia da época. Por outro lado, vertentes mais recentes da historiografia têm destacado o papel do islamismo na formação da sociedade colonial (COLE, 2013). Uma abordagem nesse sentido pode ser encontrada na dissertação de Celia Gibbs, "Late Nineteenth Century Attitudes to Islam and the Foundation of Government Mohammedan Schools in Sierra Leone" (1972), supervisionada por John Fage.

Na década de 1970, Victor Minikin e Martin Kaniki contribuíram para as análises dos contextos sociais, políticos e econômicos de Serra Leoa em suas teses de doutoramento. Minikin, em sua tese "Local Politics in Kono District, Sierra Leone, 1915-1970" (1971), investigou a história política do país, destacando a estrutura e o funcionamento dos diferentes níveis políticos. Ele argumentou que análises anteriores, ao focarem no âmbito nacional em detrimento das experiências políticas locais ou regionais, distorceram a compreensão dos contextos serra-leoneses. Minikin enfatizou que questões políticas locais têm prioridade sobre questões "nacionais" devido à natureza do "brokerage system" ("sistema de mediação") que se desenvolveu em Serra Leoa para lidar com os problemas resultantes do poder colonial que impôs as instituições de um Estado-nação integrado em uma sociedade fragmentada e plural (MINIKIN, 1971).

A ênfase no distrito de Kono, localizado na região leste de Serra Leoa, visa ainda abarcar "a sense of grievance" (Minikin, 1971, p. 1) compartilhada pela população em decorrência da sua marginalização no desenvolvimento social, a despeito de sua centralidade na economia nacional derivado da extração de metais preciosos. Ao dialogar com a antropologia política, Minikin incorpora o conceito de "brokerage system" como uma lente para examinar como diferentes redes de interação social se conectam e catalisam a atividade política em diferentes níveis, facilitando a interação e a articulação entre diferentes níveis de experiência política. Essa abordagem permite a Minikin uma compreensão mais abrangente e dinâmica da política local em Serra Leoa, reconhecendo as complexas interações entre as estruturas políticas em diferentes níveis e os agentes



políticos envolvidos. Convém frisar que, ao lado de outros conceitos (como o de “resistência”), a noção de “mediação” (“brokerage”) foi incorporada pelos estudos africanos no período como uma forma de complexificar as relações estabelecidas entre grupos africanos, principalmente das elites, e o avanço colonial a partir do século XIX, sobretudo para investigar os agenciamentos africanos no campo da política, comércio e atividades culturais (Moraes Farias & Barber, 1990).

A tese de doutorado de Martin Kaniki, intitulada "The Economic and Social History of Sierra Leone, 1929-1939", oferece uma análise detalhada da história econômica e social de Serra Leoa durante o período entre as décadas de 1920 e 1930. Sob a orientação de A. G. Hopkins e Marion Johnson, Kaniki examina as mudanças significativas que ocorreram na economia serra-leonesa durante esse período, particularmente devido ao desenvolvimento da indústria mineradora. Contrariamente à crença de que não houve mudanças estruturais na economia serra-leonesa nas primeiras décadas da exploração colonial, Kaniki destaca o impacto da indústria mineradora no final da década de 1920. Sua pesquisa se concentra em dois principais aspectos: o avanço da exploração mineral e seus efeitos sociais e políticos, e as formas de protesto social e resistência ao colonialismo, exemplificadas pelos protestos e greves ocorridos entre 1938 e 1939, liderados principalmente pela West African Youth League, fundada por Isaac Theophilus Akunna Wallace-Johnson em 1938. Além de analisar as dimensões econômicas desses movimentos sociais, Kaniki também explora suas implicações políticas, examinando o impacto das ações de protesto na vida econômica e social do país. Destaca, em especial, os processos de exclusão sistemática da população creole desde o estabelecimento do protetorado no final do século XIX.

Cabe frisar que Kaniki, que atuou como professor universitário na Tanzânia até 1980, na University of Dar es Salaam, foi contemporâneo de historiadores como Walter Rodney e Terrence Ranger (Larson, 2019). Talvez seu interesse pelo estudo de resistências políticas (protestos e greves) tenha também confluência com os projetos de pesquisa desenvolvidos em Dar es Salaam no período, em especial os estudos de Ranger sobre as resistências no período colonial, somado às abordagens materialistas que predominavam no departamento de História naquele período. Conforme Larson (2019), a inserção de Kaniki nos estudos oeste-africanos contrastava com seus interesses de pesquisa originalmente desenvolvidos ao longo da graduação, desenvolvida em Dar es Salaam em 1968, e com foco nas relações entre as igrejas protestantes e as comunidades locais em Usambara, nordeste da Tanzânia. Sua aproximação com os

estudos sobre África Ocidental deveu-se a pressões internas do próprio departamento de História em Dar es Salaam, com demandas por especialista em História da África Ocidental.

Entre 1974 e 1979, pelo menos quatro teses de doutoramento exploraram a história política e econômica de Serra Leoa. "The Political Economy of Sierra Leone, 1961-1971, With Special Reference to the IMF Stabilisation Programme of 1966 to 1969", de Franklyn Athanasius Nicholas Lisk (1974), supervisionada por Douglas Rimmer, investigou as crises econômicas do país na década de 1960, destacando um programa de estabilização do FMI e os impactos do regime militar; "Mende Government and Politics Under Colonial Rule, 1890-1937", de Arthur Abraham, examinou o governo e a política das populações Mende durante o domínio colonial (1978); "Colonial Policy and Development in Northwestern Sierra Leone, 1896-1939", de M. J. M. Sibanda (1978), supervisionada por A. G. Hopkins e Marion Johnson, analisou a dependência econômica durante o período colonial, destacando a heterogeneidade da incorporação da região noroeste na administração colonial; e "A History of the Galinhas Country, Sierra Leone, c. 1650-1890", de Adam Jones (1979), supervisionada por John Fage, explorou as relações entre política e comércio nas populações Mende da região de Galinhas (extremo sul de Serra Leoa), utilizando fontes linguísticas, arqueológicas e geográficas. Este estudo também abordou o desafio metodológico de usar fontes orais para pesquisas históricas em Serra Leoa, considerando a transmissão de tradições orais e suas distorções (Jones, 1979, p. xiv).

A tese de Arthur Abraham, "Mende Government and Politics Under Colonial Rule, 1890-1937", é uma contribuição significativa para a compreensão da natureza e das transformações das instituições políticas pré-coloniais em Serra Leoa. Desde meados da década de 1970, Abraham teve importante atuação junto à Historical Society of Sierra Leone e foi um dos editores de seu periódico, além de integrar o Departamento de História de Fourah Bay College - mais tarde transferindo-se para o Cuttington University College, em Libéria, e retornando para Serra Leoa onde assumiu a direção do Institute of African Studies (Abdullah, 2020). Em sua tese, investiga os processos de formação e expansão de centros de poder nas comunidades de língua Mende no sul do país, destacando a "mendeização" das áreas costeiras como resultado das estratégias políticas adotadas por chefes e seus seguidores. Utilizando uma variedade de fontes, incluindo documentos oficiais e entrevistas de História Oral, Abraham mostra como as sociedades Mende do século XIX eram complexas e dinâmicas, mesmo enquanto mantinham tradições antigas. Ele examina a relação dessas sociedades com a administração colonial





britânica, observando que, até 1896, havia um equilíbrio relativo de poder. No entanto, a crise econômica no final do século XIX alterou drasticamente essa dinâmica. Abraham também analisa o “movimento de resistência” de 1898, conhecido como Hut Tax War, que resultou na vitória britânica e no estabelecimento de um sistema de governo indireto que integrava as chefaturas Mende. Sua tese oferece uma análise detalhada desses eventos e de suas implicações para a política e a sociedade de Serra Leoa durante o período colonial.

Abraham argumentava que conceitos de mudança social baseados em dicotomias entre instituições e valores “modernos” e “tradicionais” não se aplicavam ao contexto de Serra Leoa, pois destacava a coexistência e adaptação entre as forças coloniais e as estruturas nativas, demonstrando que o processo de estabelecimento do controle político europeu envolveu uma interação complexa entre elites africanas e autoridades coloniais. Essas mudanças não apenas afetaram as relações entre africanos, mas também introduziram novas concepções de papéis políticos tradicionais. Sua perspectiva, alinhada com o que Brizuela-Garcia (2004) categorizou como “Nova História Africana”, destacava os agenciamentos africanos em contextos de expansão colonial, enfatizando as interações e iniciativas dos próprios africanos, especialmente das chefaturas e outras elites, na formação dos sistemas coloniais. Assim, sua abordagem conecta-se com tendências mais amplas na historiografia africana entre as décadas de 1960 e 1970, influenciadas pelas redes transnacionais e pan-africanas de historiadores, que buscavam redefinir o campo a partir das experiências históricas e ações dos próprios africanos.

## Considerações Finais

A documentação institucional produzida pelo CWAS, a exemplo dos ofícios e relatórios anuais, permite observar que o processo de criação do centro estava relacionado à expansão dos “estudos de área”, e o seu lugar estratégico dentro do campo das relações geopolíticas no pós-1945, mas também se conectava a uma história global dos estudos africanos, impulsionada, no período em questão, por projetos intelectuais voltados à descolonização dos aportes teórico-metodológicos, principalmente na História e Ciências Sociais. Em parte da documentação produzida por pesquisadores vinculados ao CWAS, como por exemplo nas conferências de seu primeiro diretor, o historiador John Fage, pode-se vislumbrar, também, a construção de uma certa memória disciplinar, sobretudo amparada na ideia de que os pesquisadores de sua geração distanciavam-se da historiografia “colonial” ou “imperial”, ao buscar os agenciamentos africanos a partir de



novas fontes e problemas de pesquisa. Além disso, o processo de formação do CWAS evidencia uma vasta rede de relações globais, principalmente pela mobilidade acadêmica e circulação de pesquisadores e estudantes ou pela sua inserção em redes transnacionais de pesquisa.

Ao se considerar a construção de uma “Nova História Africana” entre as décadas de 1960 e 1970 como um projeto intelectual constituído em âmbito global, na conexão e circulação entre pesquisadores do Norte e do Sul Global, é possível observar as marcas dessas perspectivas nos métodos e objetos de pesquisa apresentados nas dissertações e teses sobre Serra Leoa produzidas no CWAS. Amparados por perspectivas oriundas da história econômica e política, os pesquisadores visavam interpretar os impactos do colonialismo nas sociedades serra-leonesas e, principalmente, os projetos de modernização levados a cabo ao longo do século XX. Por extensão, visavam interpretar as novas contexturas políticas no pós-independência, momento marcado por crises políticas e econômicas.

Em alguns casos, o interesse por uma história pré-colonial ou pelas resistências africanas diante do colonialismo também se conectava com tendências mais gerais dos estudos africanos e da historiografia, que buscava recuperar os agenciamentos e protagonismos africanos, sobretudo de grupos de elites e chefaturas, diante das situações coloniais a partir de conceitos como “resistência” e “brokerage”. Desse modo, ainda que esses pesquisadores estivessem lidando com objetos de investigação delimitados por fronteiras nacionais, ou ainda na busca por quadros explicativos para a formação da própria identidade nacional, seus aportes teórico-metodológicos se conectavam a uma história global dos estudos africanos.

## Referências

- Abdullah, I. (2020). *Arthur Anta Abraham: As Triple A passes on: An appreciation*. African Studies Association. <https://africanstudies.org/in-memory/arthur-anta-abraham/>
- Abraham, A. (1978). *Mende government and politics under colonial rule, 1890–1937* (Tese de doutorado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Barbosa, M. (2020). *A razão africana: Breve história do pensamento africano contemporâneo*. Todavia.
- Barros, J. D'A. (2024). Histórias interconectadas, abordagens transnacionais, histórias cruzadas e outras histórias relacionais. In E. R. Silva (Org.), *Histórias conectadas no Sul Global*. Todas as Musas.



- Bourdieu, P. (2011). O campo político. *Revista Brasileira de Ciências Políticas*, 5(1), 193–216.
- Brito, M. E. E. S. (2025). Kenneth Onwuka Dike as an Atlantic historian: An alternative history of the formative years of African historiography. *Práticas da História*, 20(1), 111–160.
- Brizuela-Garcia, E. (2004). *Decolonising African history: Crisis and transitions in African historiography (1940–1990)* (Tese de doutorado). School of Oriental and African Studies, University of London.
- Bush, D. (1973). *The Colonial Office and the Northern Rivers of Sierra Leone, 1876–1882: A study in British official policy-making* (Dissertação de mestrado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Centre of West African Studies. (1966). *Annual report – 1965–1966*. Author.
- Centre of West African Studies. (1974). *Annual report – 1973–1974*. Author.
- Cole, G. (2013). *The Krio of West Africa: Islam, culture, creolization, and colonialism in the nineteenth century*. Ohio University Press.
- Desai, R. (1968). The explosion of African studies in the Soviet Union. *African Studies Review*, 11(3), 248–258.
- Essiem, O. E. (1967). *The development of an open economy: The Sierra Leonean case* (Dissertação de mestrado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Fage, J. D. (1965). *On the nature of African history* (Conferência inaugural, panfleto). University of Birmingham.
- Fage, J. D. (2002). *To Africa and back: Memoirs*. Centre of West African Studies.
- Ferreira, R. (2010). The institutionalization of African studies in the United States: Origin, consolidation and transformation. *Revista Brasileira de História*, 30(59), 71–88.
- Francisco, C. R. (2019). Diáspora estudantil africana: Revisão de literatura. *Revista Ponto-e-Vírgula*, (25), 15–27.
- Gberie, L. (2005). *A dirty war in West Africa: The RUF and the destruction of Sierra Leone*. Indiana University Press.
- Gibbs, C. (1972). *Late nineteenth century attitudes to Islam and the foundation of government Mohammedan schools in Sierra Leone* (Dissertação de mestrado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Harris, D. (2014). *Sierra Leone: A political history*. Oxford University Press.
- Jones, A. (1979). *A history of the Galinhas country, Sierra Leone, c. 1650–1890* (Tese de doutorado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Kaniki, M. (1969). *Traditional authority and early colonial policies in Sierra Leone, 1896–1905* (Dissertação de mestrado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Kaniki, M. (1972). *The economic and social history of Sierra Leone, 1929–1939* (Tese de doutorado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Kowalski, I. (1967). African studies in Poland. *The Journal of Modern African Studies*, 5(2), 269–272.

- Larson, L. (2019). *The making of African history: Tanzania in the twentieth century* (Paper não publicado).
- Liski, F. (1974). *The political economy of Sierra Leone, 1961–1971* (Tese de doutorado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Lopes, C. (1995). A pirâmide invertida: Historiografia africana feita por africanos. In *Atas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Linopazes.
- May, R. (1968). *Sierra Leone as a reconciliation system, 1951–1968* (Dissertação de mestrado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Minikin, V. (1968). *The development of political opposition in Sierra Leone* (Dissertação de mestrado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Minikin, V. (1971). *Local politics in Kono District, Sierra Leone, 1915–1970* (Tese de doutorado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Moraes Farias, P., & Barber, K. (Orgs.). (1990). *Self-assertion and brokerage: Early cultural nationalism in West Africa*. Centre of West African Studies.
- Msindo, E. (2023). A experiência dos estudos (de área) africanos: Uma história intelectual. *Afro-Ásia*, (68), 214–251.
- Ojukutu-Macauley, S. (2013). Clapping with one hand: The search for a gendered “province of freedom” in the historiography of Sierra Leone. In S. Ojukutu-Macauley & I. Rashid (Orgs.), *Paradoxes of history and memory in post-colonial Sierra Leone*. Lexington Books.
- Paquette, G. (2019). The Parry Report (1965) and the establishment of Latin American studies in the United Kingdom. *The Historical Journal*, 62(1), 219–240.
- Report of the Sub-Committee on Oriental, Slavonic, East European and African Studies, University Grants Committee. (1961). *Report*. H.M.S.O.
- Schlickmann, M. (2016). *A introdução dos estudos africanos no Brasil (1959–1987)*. CRV.
- Sibanda, M. J. M. (1978). *Colonial policy and development in northwestern Sierra Leone, 1896–1939* (Tese de doutorado). Center of West African Studies, University of Birmingham.
- Szanton, D. (2004). *The politics of knowledge: Area studies and the disciplines*. University of California Press.

## NOTAS

---

### AUTORIA

**Evander Ruthieri da Silva:** Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Professor adjunto de História da África, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Artes, Cultura e História, Departamento de História, Foz do Iguaçu, PR, Brasil

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1000 - Polo Universitário, Foz do Iguaçu - PR, CEP: 85870-650.

### ORIGEM DO ARTIGO

O artigo deriva de projeto de pesquisa contemplada pelo programa Brazil Visiting Fellows Scheme, cujos resultados preliminares foram apresentados em conferência em inglês no seminário “Africa Lectures”, no Department of African Studies and Anthropology da University of Birmingham.



#### **AGRADECIMENTOS**

Kate Skinner, Jessica Johnson, Paulo Fernando de Moraes Farias, Karin Barber, Reginald Akindele Cline Cole.

#### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

**Concepção e elaboração do manuscrito:** E. R. Silva.

**Coleta de dados:** E. R. Silva.

**Análise de dados:** E. R. Silva.

**Discussão dos resultados:** E. R. Silva.

**Revisão e aprovação:** E. R. Silva.

#### **FINANCIAMENTO**

Brazil Visiting Fellows Scheme – University of Birmingham.

#### **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

#### **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

#### **CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

#### **DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS**

Não se aplica.

#### **PREPRINT**

O artigo não é um preprint.

#### **LICENÇA DE USO**

© Evander Ruthieri da Silva. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

#### **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

#### **EDITORES**

Alexandre Buski Valim, Samira Peruchi Moretto, Daniela Capri

#### **HISTÓRICO**

Recebido em: 22 de junho de 2024

Aprovado em: 04 de dezembro de 2025

**Como citar:** Silva, E. R. Uma história transnacional dos estudos africanos: o caso do Centre of West African Studies e a historiografia Serra-Leonesa (1963-1979). (2026). *Esboços: histórias em contextos globais*, 33,1–23.

